

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - DPsi
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A criminalização da masculinidade negra e a naturalização da violência

Maria Luiza Soares Rodrigues

SÃO CARLOS

2025

MARIA LUIZA SOARES RODRIGUES

A criminalização da masculinidade negra e a naturalização da violência

Pesquisa apresentada como requisito para obtenção do grau de formação em Psicologia pelo curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos sob orientação da Profa Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca.

SÃO CARLOS

2025

Resumo

O racismo estrutural e a socialização masculina impactam a vida de homens negros no Brasil, ao limitar o sujeito a uma performance da masculinidade muitas vezes violenta, o que contribui para o envolvimento com a criminalidade. Nesse sentido, é investigado de que forma experiências adversas na infância influenciam a naturalização e o comportamento violento na vida adulta, considerando aspectos sociais e psicológicos. Para isso, foram entrevistados 4 homens negros com histórico de privação de liberdade, utilizando a entrevista semiestruturada, o uso da Escala Internacional de Experiências Adversas na Infância (EAI-QI). Os resultados indicam que a exposição à violência comunitária e familiar desde a infância contribui para a normalização do fenômeno violento e para trajetórias que levam à criminalidade. Por fim, o estudo ressalta a necessidade de um olhar multidimensional que busque romper o ciclo de vulnerabilidade social e violência, além de uma reforma da lógica penal que encarcera desproporcionalmente homens negros.

Palavras-chave: criminologia, racismo, masculinidade, violência, experiências adversas na infância.

Abstract

Structural racism and male socialization impact the lives of black men in Brazil by limiting them to a performance of masculinity that is often violent, contributing to involvement in criminal activities. In this context, the study investigates how adverse childhood experiences influence the normalization of violence and violent behavior in adulthood, considering social and psychological aspects. To this end, 4 black men with a history of incarceration were interviewed using a semi-structured interview, the International Scale of Adverse Childhood Experiences (ACE-IQ), and a vignette-based instrument. The results indicate that exposure to community and family violence from childhood contributes to the normalization of violent behavior and pathways leading to crime. Finally, the study highlights the need for a multidimensional approach aimed at breaking the cycle of social vulnerability and violence, as well as a reform of the penal system that disproportionately incarcerates black men.

Keywords: criminology, racism, masculinity, violence, adverse childhood experiences.

INTRODUÇÃO

O Brasil é o terceiro país com o maior número de pessoas encarceradas no mundo. Dados divulgados pela Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN)¹ a respeito do primeiro semestre de 2024 indicam que há um total de 668.051 pessoas presas em celas físicas ou em carceragens. Se formos considerar o número de pessoas em unidades físicas, domiciliares e outras prisões, esse número chega a 888.272. No Relatório de Informações Penais, é possível verificar que os encarcerados no ano de 2024, são majoritariamente pessoas do gênero masculino (95,67%, n=634.617) e, em relação a etnia, a maioria é expressa por pessoas pretas e pardas (64,95%; n=424.620).

O cenário apresentado anteriormente deixa evidente o encarceramento preponderante de pessoas negras. De acordo com Brandão e Lagreca (2023), a privação de liberdade é o produto de uma operação do sistema de justiça criminal. Logo, o Judiciário desempenha papel expressivo na chancela do aniquilamento dos corpos negros e é atravessado pelo racismo estrutural, visto que perpetua desigualdades raciais de forma sistêmica e independente de intenções individuais, contribuindo como “(...) *um fator determinante na política prisional brasileira, dela sendo integrante. Ou seja, o sistema de justiça tem reproduzido padrões discriminatórios, naturalizando a desigualdade racial*” (p. 309).

Tomando em consideração o conceito de Foucault (1975) a respeito de biopoder, o qual consiste em uma forma de governar a vida de indivíduos e populações, Santos (2020) reflete em como o processo de instrumentalização do corpo insere o racismo como mecanismo fundamental de poder. Segundo a autora:

“(...) *o racismo de Estado expressa um estado de guerra infindável; uma guerra biológica em que a morte do outro, da raça inferior, do*

¹ <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMDY2ODEzOTgtYmJlMjY0ZmVklWIwMTEiMTJjZDQwZWRIYjdhIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>

anormal, ou de recorte econômico mais baixo é entendida como uma forma de fazer a vida ser mais segura e pura. É a partir dessa característica do biopoder que entendemos o racismo como mecanismo do Estado, como um meio de segurança, um seguimento das tecnologias de poder para supressão daqueles que são tidos como fora da norma ou que expressam um perigo social para o que a raça dominante julga importante.” (Santos, 2020, p.21)

Assim, considerando que o sistema judiciário regula e normatiza a vida dos indivíduos a partir de leis, penas e discursos de verdade, isto é, ele não apenas pune, mas também classifica, disciplina e normaliza comportamentos, exercendo um poder que vai além da repressão e se estende à gestão da vida social, ao criminalizar desproporcionalmente a população negra, contribui para a manutenção da ideia social do homem negro como criminoso, perigoso e violento e, conseqüentemente, justifica e normaliza o encarceramento desproporcional de pessoas negras.

De acordo com Carneiro (2023), o caráter escravocrata da repressão da população negra se manteve institucionalizado mesmo após a promulgação da abolição da escravatura, por meio de penas de trabalho forçado e privação de liberdade previstas na Lei da Vadiagem presente do Código Penal Brasileiro de 1890, conhecida por punir a associação à prática da capoeira e o desemprego. Como argumenta Mbambe (2019), a escravidão é em si uma das primeiras expressões do biopoder, que exerce “*uma alienação de nascença e uma morte social*” (p. 19) sobre a negritude.

Logo, o principal alvo das políticas de criminalização e extermínio do Estado brasileiro tem um perfil: homens negros de periferia. Tal perfil está evidente nas estatísticas que apontam o maior envolvimento em casos violentos no sistema judiciário, a maior população carcerária e as principais vítimas de homicídio são jovens homens negros de periferia. A questão é, o problema está no sujeito ou na materialidade que o constitui?

O comportamento violento

O comportamento violento tem, ao longo das últimas décadas, despertado interesse social e científico. Klein e Fernandez-Castillo (2021) definem a agressão como um comportamento hostil com a intenção de infligir dano. É um fenômeno comportamental e etiologicamente complexo, incluindo características como quebra de regras, violência, delinquência e criminalidade.

Em uma revisão da literatura para identificar fatores de risco relacionados ao comportamento agressivo, Mendes et al (2009) verificaram tanto fatores biológicos quanto socioambientais. Dentre os fatores biológicos descritos na literatura destacam-se: (1) genéticos, (2) exposição a substâncias durante o desenvolvimento intrauterino e (3) nutricionais. Já os principais fatores socioambientais estavam relacionados a ter sofrido maus tratos na infância, viver em situação de pobreza, criminalidade e comportamento antissocial na infância (Mendes et al, 2009).

Tais características estão relacionadas ao conceito de experiências adversas na infância (do inglês *Adverse Childhood Experiences*) proposto inicialmente por Felitti et al (1998). As experiências adversas na infância (EAIs) são definidas como eventos estressantes ou traumáticos vividos por crianças e adolescentes, que podem ter impactos negativos ao longo do ciclo de vida no desenvolvimento emocional, físico e social (Portwood et al, 2023).

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS (2019), as EAIs caracterizam-se como: maus tratos (violência física, psicológica, sexual e negligências), ambiente familiar disfuncional (problemas de saúde dos pais, abuso de substâncias, criminalidade e violências), perdas interpessoais (morte dos pais ou cuidadores e divórcio), doenças, dificuldades econômicas, violência entre pares (bullying e mais recentemente cyberbullying) e violência comunitária e coletiva (conflitos e guerras). Recentemente

pesquisadores tem argumentado que adversidades vivenciadas por grupos minorizados, tais como discriminação e trauma histórico, também deveriam ser consideradas como EAIs (Portwood et al, 2023).

Evidências científicas obtidas ao longo das duas últimas décadas têm indicado que ao menos um terço dos problemas de saúde mental e comportamental podem ser atribuídos às EAIs (Portwood et al, 2023; Harris, 2019). Na infância as EAIs têm sido associadas a problemas internalizantes (e.g. ansiedade e depressão) e externalizantes (e.g. problemas de conduta), problemas cognitivos e uso e abuso de substâncias (Portwood et al, 2023; Harris, 2019). Na idade adulta a questões de saúde física e mental (e.g., câncer, infarto, problemas cardíacos, obesidade severa, diabetes, depressão e suicídio); comportamentos de risco (e.g. tabagismo, alcoolismo e abuso de drogas) e indicadores de bem estar (e.g. baixo desempenho acadêmico, desemprego e encarceramento) tem sido associados ao histórico prévio de EAIs (Portwood et al, 2023).

Quanto à prevalência, estimativas realizadas em 48 estados norte-americanos apontaram que cerca de dois terços dos adultos tenham experienciado ao menos uma EAI, com um quarto de todos os respondentes indicando três ou mais EAIs (*Center of Disease Control and Prevention- CDC, 2022*). Destaca-se que grupos minorizados como, por exemplo, mulheres e pessoas negras, têm um risco maior de ter EAIs (Portwood et al, 2023). Para tentar identificar um ponto de corte em relação às EAIs, Alhowaymel et al (2023) realizaram uma análise secundária utilizando dados de um estudo transversal realizado com 10.047 adultos que responderam ao Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (ACE-IQ) e medidas de autorrelato em relação a saúde. Os dados obtidos indicaram que um ponto de corte de quatro ou mais EAIs estava significativamente associado a taxas aumentadas de doenças crônicas.

A relação entre EAI e os problemas de saúde e comportamentais pode ser atribuída às respostas filogenéticas do organismo a uma situação estressante², a intensidade, frequência e duração da situação e a presença de fatores de proteção. Nesse sentido, a teoria bioecológica do desenvolvimento proposta por Bronfenbrenner (2005) contribui para a compreensão de como elementos presentes nos diferentes sistemas de desenvolvimento (microsistema, mesosistema, exosistema e macrosistema) se interrelacionam e contribuem para amenizar ou potencializar os efeitos de situações vivenciadas pelo indivíduo ao longo do desenvolvimento.

De acordo com o modelo bioecológico de Bronfenbrenner (2005), o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos progressivamente mais complexos de interações recíprocas entre um organismo humano biopsicológico ativo e as pessoas e objetos do seu contexto. Assim, a partir da interação entre fatores de risco - condições ou características que aumentam a probabilidade de um indivíduo enfrentar dificuldades no desenvolvimento físico, emocional, social ou acadêmico (Polleto & Koller, 2008) - e de proteção - características ou circunstâncias que ajudam a reduzir os impactos negativos dos fatores de risco, promovendo o bem-estar e a resiliência (Polleto & Koller, 2008); presentes nos diferentes contextos de desenvolvimento, tem-se uma probabilidade maior ou menor de o indivíduo apresentar comportamentos mais ou menos desviantes às normas sociais.

Por exemplo, se na infância o indivíduo passa por situações de vulnerabilidade, tais como violência, negligência, abuso e/ou miséria, no âmbito familiar, escolar e na comunidade, tem-se uma maior probabilidade de que essa criança apresente comportamentos de inadaptação social como, por exemplo, maior envolvimento em brigas, o que pode escalar até

² Diante de uma situação estressante, o indivíduo automaticamente apresenta como resposta ao estresse o comportamento de luta, fuga e congelamento. Esse é um mecanismo automático do sistema nervoso, controlado pelo sistema nervoso simpático e mediado pelo hormônio cortisol e pela adrenalina (Harris, 2019).

a vida adulta num comportamento mais violento. Acaba que a vítima, que não recebe assistência psicológica e social adequada durante a infância, pode se tornar uma pessoa que tem o perfil de um agressor na idade adulta (Baglivio & Epps, 2015; Cuadra et al., 2014; Fox et al., 2015; Widom & Ames, 1994 citados por Rodrigues, 2021).

Além dessa perspectiva, destacam-se três aspectos importantes a serem considerados para a compreensão da manifestação do comportamento violento em homens. O primeiro deles refere-se à socialização de pessoas do gênero masculino. No dicionário *Oxford Languages*³ a definição de machismo refere-se ao comportamento que rejeita a igualdade de condições sociais e direitos entre homens e mulheres; e a qualidade, ação ou modos de macho ('ser humano do sexo masculino', 'valentão'); macheza. Arciniega et al (2008) definem o machismo tradicional como o comportamento de um indivíduo, expresso por opiniões e atitudes, o qual recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. Para os autores, há o machismo tradicional e o cavalheirismo. Esse último estaria associado a comportamentos positivos, ligados a prover, proteger a família e sua honra, ter dignidade, sabedoria, trabalho árduo, responsabilidade, espiritualidade e conectividade emocional. Em um estudo realizado com 154 homens verificou-se que o machismo tradicional foi relacionado à agressão e comportamento anti-social e maiores níveis de alexitimia — dificuldade ou incapacidade para expressar emoções (Carneiro & Yoshida, 2009).

A violência é normalizada nos meios sociais predominantemente masculinos e, ainda mais, é incentivada a fim de reafirmar-se como homem “de verdade” diante de outros indivíduos do sexo masculino (Bourdieu, 1999), além de terem mais chances de serem notados por serem violentos (Hooks, 2022). É necessária a atenção para a relação da violência

³ <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

com a masculinidade, uma vez que, por conta do processo de naturalização do fenômeno, homens tendem a não se reconhecer como vítimas de violência (Schraiber, 2012), apesar de serem os protagonistas no assunto. A reafirmação da própria identidade de “homem” pode levar o sujeito a uma maior exposição a situações de risco: o homem coloca a si mesmo e aos outros em constante risco a fim de afirmar-se homem, por isso, o comportamento criminoso é, em geral, mais facilmente associado a homens (Minayo & Assis, 2017). Finalmente, criminalizamos a masculinidade ao invés de entendê-la como resultado de processos sociais e vivências subjetivas.

O homem negro ocupa um espaço interseccional no que diz respeito ao Ser. Enquanto homem, se reafirma pelo patriarcado. Enquanto negro, não pode ocupar tal espaço, enfrentando as mazelas do racismo. Para Fanon (1952), o homem negro é negado de sua sexualidade, representando-o como um objeto animalesco: o não-branco, não-sujeito, o Outro. Como homens negros cabem nesse espaço de quase-Eu, num modelo de sociedade que apenas o homem branco pode ser o Eu-Sujeito? A partir de recortes de raça, sexualidade e economia é possível determinar que existem diversas performances de masculinidade de acordo com a posição social do indivíduo.

Homens reproduzem a masculinidade a partir da percepção de quais masculinidades obtém maior aceitação e possibilidade de ascensão social (Messerschmidt, 1993) e, a partir disso, o crime se torna uma forma de performance da masculinidade, que é negada de outras formas aos homens negros. No mais, Hooks (2022) afirma que

(...) o sistema político patriarcal supremacista branco capitalista imperialista impede a maioria deles de ter acesso a posições socialmente aceitáveis de poder e dominância, então eles reivindicarão sua masculinidade por meio de canais socialmente inaceitáveis (p. 116).

A teoria de aprendizagem social proposta por Bandura (1977), na qual fatores como a modelagem e a observação são essenciais no processo de aprendizagem de comportamentos a partir da imitação do outro, é utilizada para explicar a intergeracionalidade de comportamentos violentos. Isto é, crescer em um ambiente familiar e social em que comportamentos violentos são valorizados e legitimados como formas de resolver problemas e conflitos influencia na percepção do indivíduo de que esse é um comportamento aceito e, conseqüentemente, ele passa a reproduzi-lo. Ou seja, a partir dessa perspectiva teórica, a violência é modelada a partir da observação de modelos que a pessoa admira e respeita (Minayo, Assis & Njaine, 2011). Logo, a criança e adolescente exposta à violência na infância tende a aprender e reproduzir comportamentos violentos para se relacionar com as outras pessoas, para lidar com situações de conflito e para resolver problemas.

Ademais, ao estar imersa em contextos em que a violência é aceita, valorizada e reproduzida, o indivíduo pode naturalizar esse comportamento, isto é, ter uma maior tolerância e aceitação a diversas manifestações de violência (Minayo, Assis & Njaine, 2011), podendo ter, inclusive, dificuldade em identificar determinadas situações e comportamentos como violentos. Desse modo, ele pode não se reconhecer como vítima ou autor de violência.

A terceira refere-se ao racismo estrutural, que define-se pela concepção de que o preconceito racial é um fator característico da ordem social capitalista (Almeida, 2019). Almeida (2019) argumenta que devemos nos atentar ao reducionismo do racismo, no sentido de entender este fenômeno de maneira apenas individual/institucional, enquanto ele se constitui a partir de diversas condições sociais conflituosas. As instituições funcionam a fim de garantir a manutenção de uma ordem social que segue uma estrutura da sociedade, ou seja, se a norma social é a desigualdade racial, o natural é que as instituições, e os próprios indivíduos, reproduzam esse raciocínio de maneira sistemática (Almeida, 2019). Ainda mais,

devemos nos atentar às raízes históricas e políticas pelas quais o racismo ganha força. Nas palavras do próprio autor,

(...) raça não é uma fantasmagoria, um delírio ou uma criação da cabeça de pessoas mal-intencionadas. É uma relação social, o que significa dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos (p. 29).

A disseminação da crença do “negro violento” baseia-se nos malabarismos “científicos” de Lombrosio (1876), que parte do pressuposto que o negro é, geneticamente, predisposto à criminalidade, à violência e à loucura. O racismo científico baseado, principalmente, nos estudos lombrosianos no século XIX foi um dos argumentos fundamentais para a institucionalização compulsória e em massa da população negra. Desde o fim da escravatura, essa tem sido a maneira pela qual a dinâmica capitalista encontrou de subjugar e estigmatizar sujeitos negros: “*Quanto mais distante do estereótipo do branco europeu, mais periculosa seria a pessoa*” (Marx et al., 2023, p. 29).

No Brasil, a partir do processo de urbanização das grandes cidades e da recém abolição da escravatura, a mão de obra negra foi descartada, à medida que os cargos de trabalho eram ocupados por imigrantes europeus, principalmente na região Sul e Sudeste do país. Ao passo que a precarização da vida econômica negra foi se acentuando, e a vida nos cortiços foi se tornando comum, a forma que o homem negro buscou de reafirmar-se sujeito e fugir dos esteriótipos descritos por Florestan Fernandes (1964) (e.g. “negro ordeiro”, “negro malandro”, “negro garanhão”) foi tornar-se o negro marginal, pois, segundo Faustino e Ribeiro (2017), os homens negros marginais e criminosos seriam os homens com poder no meio negro. Em concordância com Bell Hooks (2022), a busca pela autodefinição como homem negro acaba caindo tragicamente nos enlaços da masculinidade patriarcal a partir da socialização machista, uma vez que não encontra outras possibilidades que lhe são negadas pela cor de sua pele,

(...) ao projetar nos homens negros a característica da violência primitiva descontrolada, a cultura supremacista branca faz parecer que os homens negros personificam uma masculinidade patriarcal brutal que homens e mulheres brancos — e todos os outros — devem reprimir com armas. Triste e estranhamente, alguns homens negros acabaram por se tornar garotos-propaganda da masculinidade patriarcal e do ódio às mulheres (p. 108).

Quando o sujeito nasce em miséria, o modo de produção capitalista o apresenta à quatro opções: morrer de fome, a mendiguez, a criminalidade ou o suicídio (Marx et al., 2023). A determinação social de corpos negros no modo de produção capitalista cronifica relações de opressão e racismo estrutural. Quando a educação, saúde, cultura, comida e segurança lhe são negados, não devemos ficar surpresos que os jovens encontrem uma saída na criminalidade. Para além disso, para jovens negros, a experiência de ser preso e ir para o presídio parece que se tornou uma espécie de passagem de puberdade, uma transição para a vida adulta (Miller, 1996 citado por Carsons, 2007).

A violência estrutural que acomete as periferias deixa pouca esperança de uma melhoria de qualidade de vida pelo trabalho, no mais, devemos nos atentar às moralidades da meritocracia: ideologia liberal que aliena o sujeito do valor da própria força de trabalho. Mais do que isso, a violência estrutural não priva o corpo negro apenas de direitos como cidadão e sujeito, mas também do direito humano de viver.

A percepção de homens em relação à violência foi pauta de diversos estudos (Alencar et al., 2014; Barcelos, 2019; Fernandes et al., 2014; Nascimento et al., 2009; Paixão et al., 2018; Santos & Rosenburg, 2014). As pesquisas oferecem uma visão abrangente de como o fenômeno da violência é percebido por homens das mais diversas camadas sociais e, dentre os principais resultados, podemos descrever que a violência é naturalizada por estes indivíduos, principalmente a violência intrafamiliar (Barcelos, 2019; Paixão et al., 2018) e a violência entre parceiros íntimos na qual a agressora é a mulher (Fernandes et al., 2014; Paixão et al., 2018). No geral, os resultados indicam uma associação negativa à violência (Alencar et al.,

2014), que é relacionada ao crime e à masculinidade, em alguns relatos (Nascimento et al., 2009). Em destaque, Santos e Rosenburg (2014) comentam em seu estudo sobre como a penitenciária se torna um espaço de socialização pela violência, no sentido que a maneira pela qual este fenômeno é institucionalizado pelas forças carcerárias. Nesse espaço, o preso se familiariza e, entre os encarcerados, há a socialização da/pela violência, num processo de objetivação das experiências vividas.

Tendo em vista o exposto anteriormente, hipotetiza-se que homens negros que têm histórico de passagem pelo sistema penitenciário têm sua percepção sobre a violência afetada por estarem inseridos num meio social que os pré-determina como agentes violentos. Assim, a presente pesquisa teve como objetivo realizar um resgate histórico das experiências adversas de homens negros com histórico de privação de liberdade, buscando compreender as variáveis que contribuíram para o comportamento criminoso e como eles identificam e interpretam situações de violência em diferentes contextos (institucional, no relacionamento íntimo e intrafamiliar).

MÉTODO

Participantes

Para este estudo, foram recrutados 4 homens cisgêneros negros (pretos ou pardos) com histórico de privação de liberdade no sistema carcerário brasileiro com idade superior a 18 anos e que não possuíam nenhum tipo de comprometimento cognitivo ou sensorial. Todos estavam cumprindo pena em regime aberto no momento da coleta de dados. A Tabela 1 apresenta os dados de caracterização dos participantes.

Tabela 1.

Caracterização dos participantes

Participante	Idade	Orientação sexual	Autodeclaração Racial	Delito	Observação
Miguel	32	Heterossexual	Pardo	Tráfico	
Rafael	32	Heterossexual	Negro	Roubo	Em situação de rua
Gabriel	34	Heterossexual	Negro	Crime sexual contra vulnerável	
Luciano	30	Homossexual	Pardo	Roubo	

Instrumentos

Roteiro de entrevista semiestruturado (Anexo 1) elaborado pela pesquisadora para atingir os objetivos da presente pesquisa. O roteiro foi dividido em três tópicos: (1) histórico de vida, cujo objetivo foi aprofundar a pesquisa do sujeito e sua história; (2) criminalidade, no qual buscou-se investigar sobre o histórico e envolvimento do entrevistado em comportamentos antissociais; e (3) violência, com questões que almejavam investigar a compreensão do sujeito

em relação ao fenômeno da violência. Antes da aplicação do roteiro, a pesquisadora apresentou o mesmo para o grupo de pesquisa no qual ela faz parte para identificar se as questões estavam claras, se eram pertinentes e se relacionavam com o objetivo da pesquisa.

Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (EAI-QI) (Anexo 2) elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em parceria com o *Center of Disease Control - CDC*, originalmente chamado *Adverse Childhood Experiences International Questionnaire (ACE-IQ)*, traduzido e adaptado para o Brasil por Pereira e Viana (2021). O instrumento (Anexo 3) foi elaborado para ser aplicado em adultos (idade ≥ 18 anos), de modo a identificar e avaliar a exposição pregressa a 13 categorias diferentes de EAI: abuso sexual, emocional e físico, negligência emocional e física, violência familiar, uso de álcool/drogas, doença mental ou suicídio no âmbito domiciliar, envolvimento da família com atividades criminais, separação ou divórcio parental, violência comunitária, violência coletiva e bullying. O instrumento está disponível em duas versões, assim denominadas: “versão binária”, na qual todos os itens relacionados à presença de alguma adversidade na infância são de resposta do tipo sim ou não; e “versão de frequência”, na qual quase todos os mesmos itens têm respostas do tipo Likert, considerando se o evento adverso ocorreu uma, poucas ou muitas vezes. Para a presente pesquisa foi utilizada a versão frequência do instrumento.

Procedimentos

Etapa 1 - Aspectos éticos

O projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade Federal de São Carlos (CAAEE 77238124.2.0000.5504). Após a aprovação no CEP, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Secretária de Administração Penitenciária - SAP. Depois da aprovação deste órgão, deu-se início ao recrutamento dos participantes. Destaca-se que só participaram da pesquisa aqueles que consentiram e assinaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo 4).

Etapa 2 - Recrutamento dos participantes

Aprovado o projeto de pesquisa, a pesquisadora entrou em contato com a Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania (CRSC-SP) de uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo para a apresentação do projeto de pesquisa e solicitação de colaboração para a divulgação da pesquisa para os potenciais participantes.

Etapa 3 - Coleta de dados

A pesquisadora entrou em contato telefônico com todos os potenciais participantes da pesquisa para apresentar o objetivo da pesquisa e a forma de participação. Àqueles que concordaram em participar, foi agendada uma entrevista em uma sala disponibilizada pelo CRSC-SP, que atendia condições mínimas de conforto (ventilação, iluminação e móveis) e de sigilo. Inicialmente, a pesquisadora lia o TCLE para o participante e retirava possíveis dúvidas. Uma vez assinado o TCLE, a pesquisadora (estudante de graduação em psicologia) realizou em forma de entrevista a aplicação do EAI-QI, do roteiro de entrevista semiestruturado. O tempo total de coleta de dados foi de cerca de 90 minutos com cada

participante. Em alguns casos, a aplicação dos instrumentos ocorreu em dois ou mais encontros, atendendo a disponibilidade do participante. Cumpre destacar que a coleta de dados foi gravada em áudio após a anuência do participante e transcritas pela pesquisadora para a análise dos dados.

Etapa 4 - Análise dos dados

Para analisar as EAI dos participantes, seguiu-se as instruções disponibilizadas em: https://cdn.who.int/media/docs/default-source/documents/child-maltreatment/ace-iq-guidance-for-analysing.pdf?sfvrsn=adfe12bb_2. Para cada uma das subescala do instrumento era obtido um escore de 0 (ausência) a 1 (presença), sendo que nas questões em que havia frequência da ocorrência de determinada EAI, apenas algumas frequências eram consideradas para pontuar. Ao final, somou-se os escores de cada um das 13 subescalas, obtendo-se o escore total de cada participante, o qual poderia variar de 0-13.

Já os dados qualitativos obtidos pelas entrevistas foram transcritos e analisados a partir da análise temática. Após a leitura e familiarização com o material, foi realizada a codificação do material (seleção de trechos significativos) com o QualCoder, um *software open source* que auxilia análises de dados qualitativos através da codificação do material e, posteriormente, a elaboração de categorias temáticas a partir dos relatórios finais produzidos pela ferramenta. Finalmente, as categorias foram analisadas e discutidas a partir da literatura da área.

RESULTADOS

A Tabela 2 apresenta as experiências adversas na infância vivenciadas pelos participantes.

Tabela 2.

Experiências adversas na infância (EAIs) vivenciadas pelos participantes

	Miguel	Rafael	Gabriel	Luciano
Abuso físico	1	0	1	1
Abuso emocional	0	0	0	1
Abuso sexual	0	0	1	1
Violência contra membros da família	0	1	1	1
Morar com membros da família que abusavam de substâncias	1	1	0	1
Morar com membros da família que eram doentes mentais ou suicidas	1	0	0	0
Morar com membros da família que estavam presos	1	1	1	1
Ausência de um ou ambos os pais, separação dos pais ou divórcio	1	0	1	0
Negligência emocional	1	0	1	1
Negligência física	0	1	1	1
Bullying	0	1	1	0
Violência comunitária	1	1	1	1
Violência coletiva	1	1	1	1
ACE Score	8	7	10	10

Os dados da Tabela 2 indicam que todos os participantes foram expostos a várias experiências adversas durante a infância/adolescência, com escores totais variando de 7 a 10 pontos. Cumpre destacar que todos relataram ter tido um familiar preso, ter sido exposto a violência comunitária (e.g., *Você viu ou ouviu alguém sendo espancado na vida real muitas vezes? OU Você viu ou ouviu alguém sendo esfaqueado ou baleado na vida real muitas vezes? OU Você viu ou ouviu alguém sendo ameaçado com uma faca ou arma na vida real muitas vezes?*) e coletiva (e.g. *Você já foi forçado(a) a ir morar em outro lugar devido a algum desses eventos? OU Você já vivenciou a destruição deliberada de sua casa devido a algum desses eventos? OU Você já foi espancado(a) por soldados, policiais, milícias ou gangues? OU Algum membro da sua família ou amigo já foi morto ou espancado por soldados, policiais, milícias ou gangues?*). Quanto às EAIs direcionadas diretamente aos participantes, destacam-se abuso físico, negligência física e negligência emocional. Em relação ao contexto familiar, a presença de violência contra membros da família e morar com membros da família que abusavam de substâncias.

Em relação à questão racial, todos os participantes relataram situações de preconceito e racismo vivenciados ao longo do desenvolvimento, mesmo que os mesmos não conseguissem nomear as situações como tal. Por exemplo, tanto o Rafael quanto o Gabriel relataram que eram frequentes piadas a respeito da cor da sua pele, sendo que o Gabriel destacou situações em que foi excluído e zoadado pelos colegas por conta da cor de sua pele e do seu cabelo. Por outro lado, o Miguel não identificou ter sido vítima de racismo: *“Racismo também nunca... nunca sofri, nunca fui. Às vezes, o outro chama disso aqui, mas... Nunca me afetou”*.

Quanto à percepção dos participantes em relação ao estereótipo de pessoas negras serem mais violentas, o Gabriel descreveu o quanto a expectativa social e o preconceito em

relação às pessoas pretas alimentam o sentimento de exclusão e, conseqüentemente, comportamentos de violência.

“(...) todo o sofrimento com o negro já passou por racismo, por violência, por tudo, deixaram os negros assim. Então, a gente, como eu disse, é criação, é cultura. Já somos criados que temos que nos impor, mostrar o nosso espaço, certo? Que aonde a gente chegar, a gente sempre vai ser mal visto. Então isso já vai trazendo reações, para toda a ação é uma reação. Isso já vai trazendo uma reação para nós. Então, às vezes, um olhar, uma palavra, você já está com a guarda erguida para se defender. Tipo numa guerra, você nunca pode abaixar a guarda. Então você está sempre pronto para se defender, porque vai vir um ataque a qualquer momento de um branco. Isso torna você mais agressivo.” (Gabriel)

Ao ser analisada a trajetória dos participantes no envolvimento com a criminalidade, três participantes (Miguel, Rafael e Luciano) destacaram a necessidade financeira e dois (Miguel e Luciano) o envolvimento com drogas como impulsionadores para os primeiros atos de criminalidade.

“(...) desde criança.. meus 15 e 16 anos.. já fui atrás de drogas, já faltava de escola... Querendo não, em casa nunca faltou nada... eu fui procurar algo na rua. (...) não tinha estabilidade.. é uma felicidade momentânea.. está com um monte de dinheiro. Daqui a pouco você já não está com nada. É sempre assim. E até hoje eu fico me pensando... como que eu se envolvi sabe? Como que eu se envolvi? Às vezes, eu posso falar de amizade, isso e aquilo, mas... Hoje em dia, eu acho que não... Influência de amizade, eu acho que esse negócio aí não existe. Porque... Se chamar, sempre tem gente que chama, mas vai de você, né? Eu penso que vai de você. (Miguel).

Quanto aos fatores de proteção percebidos, todos os participantes indicaram figuras femininas da família (e.g., mãe, avó, tia e irmãs) como pessoas que forneciam apoio e proteção. Dois participantes (Miguel e Rafael) destacaram o papel central das mães durante a infância e adolescência, todas mães solo que buscaram oferecer o melhor cuidado possível dentro de suas possibilidades.

“(...) minha mãe teve eu com 15 anos, então eu acho que foi algo que ela não planejou. Por exemplo, com 15 anos, como você vai planejar uma gravidez? Ela sempre esteve do meu lado (...) minha mãe criou eu sozinho (...) A minha mãe sempre apoiou eu” (Miguel)

“(...) ela sempre está dando atenção, sempre está cuidando e está levando eu pra^[P]_[SEP]caminhar junto com ela. Então ela não me colocou em nenhum momento de situação difícil (...) Ela sempre me colocou no caminho da escola, com a certeza que eu ia ter^[P]_[SEP]um futuro. E está acontecendo, ela botou em mim uma benção, e isso está acontecendo.” (Rafael)

Ao mesmo tempo, os participantes Gabriel e Luciano relatam suas próprias percepções em relação a suas mães como figuras ambíguas em suas vidas, de cuidado pela violência e ressentimento.

“Minha mãe sempre se matou de trabalhar e... Por acaso eu não consigo lembrar de momentos nossos juntos, porque a vida dela era trabalhar para poder colocar comida na mesa. (...) A vida que eu descobri que a minha mãe teve, eu entendo nisso, que ela fez o máximo que ela pôde fazer. Mãe solteira, certo? Hoje eu entendo a vida que ela teve. Ela não teve amor, ela não teve carinho, então ela me deu aquilo que ela tinha. Então, ela não tinha como me dar o que ela não tem. Não teve. Foi aonde eu comecei a entender a vida. Eu comecei a entender isso”. (Gabriel)

“Às vezes eu quero me expressar, ela para pra me^[P]_[SEP]ouvir, e, antigamente, ela não parava muito. Hoje a gente tem esse contato mais próximo, de mãe^[P]_[SEP]e filho mesmo. Ela conversa bastante. Ela pega, ela senta, ela fala: ‘filho, você está pensando que^[P]_[SEP]você quer conversar? O que está passando na sua cabeça, como está com o seu coração?’. (...) Ela fala que culpada é ela por^[P]_[SEP]eu ser assim eu falo que não, eu falo que eu fiz minha escolha eu fui sem vergonha, entendeu?^[P]_[SEP]Tipo assim, ela se culpa muito, ela se ressentiu muito por isso (...) Ela tentou me abortar, mas Deus não permitiu.” (Luciano)

Em relação às figuras masculinas presentes na vida dos participantes, foi possível perceber o caráter muitas vezes violento e/ou ausente, que irmãos, pais e avôs tiveram durante sua infância e adolescência. Todos os participantes relataram ter parentes homens com histórico de criminalidade e comportamentos violentos dentro de casa.

“Na verdade, o cuidado que o meu pai teve com nós foi bem pouco. Foi^[P]_[SEP]bem pouca lembrança que eu tenho. A maioria da nossa convivência foi com a minha mãe e com^[P]_[SEP]a minha avó. Eu só lembro disso, o pouco que eu lembro é dele^[P]_[SEP]preso a gente visitar ele.” (Gabriel)

“Meu avô tinha mais essa índole de chegar bêbado. Xingar todo mundo, querer bater.” (Luciano)

Além disso, dois participantes (Miguel e Gabriel) relatam sobre como a falta de uma figura de cuidado masculina ao longo de seu desenvolvimento influenciou na sua trajetória de vida.

“A morte do meu tio. (...) Aí, depois que ele morreu, já era família, foi assim, se dividiu. (...) Eu fico parando pra pensar que se ele tivesse vivo, eu acho que eu não tinha passado por tudo^[P]_[SEP]que eu tinha passado. Porque eu cheguei a morar com ele. Ele dava muito conselho pra mim. Eu^[P]_[SEP]saía muito com ele, sabe? Tipo, saía em algo de família, estávamos vendo essas coisas. Aí depois^[P]_[SEP]que ele morreu, acabou isso aí. Já não tinha... eu não tinha uma pessoa, porque eu nunca tive pai.^[P]_[SEP]Não tinha uma pessoa que me levava isso aqui.” (Miguel)

“Eu não tive uma figura paterna. Um homem que me ensinasse a ser homem, que me^[P]_[SEP]mostrasse o caminho, a responsabilidade, o caráter, eu não tive. E quando ele nasceu, eu transferei^[P]_[SEP]tudo isso pra ele. Toda a falta que eu senti de um pai, eu transferei pra ele e prometi que ele não ia^[P]_[SEP]crescer sem pai, que ele não ia sentir o que eu senti.” (Gabriel)

A seguir, os participantes revelam em seus relatos fortes marcadores da socialização binária de gêneros. Gabriel relata com profundidade sobre sua experiência com expectativas de gênero e masculinidade, expressas logo na infância.

“Eu fui criado^[P]_[SEP]diferente da relação que eu deveria ser criado, talvez. Eu tinha uma raiva de todos os meus tios^[P]_[SEP]que vinham em casa visitar a gente, porque a gente não tinha pai. E aí eles jogaram sobre mim a^[P]_[SEP]responsabilidade do meu pai. Você é o homem da casa, você tem que ajudar sua mãe, tem que^[P]_[SEP]cuidar de suas irmãs. Eu era uma criança, e responsabilidade eu tinha? Eu sou mais velho, e^[P]_[SEP]responsabilidade eu tinha? Que obrigação eu tinha de ajudar minha mãe ou minhas irmãs? Era^[P]_[SEP]uma criança, minha obrigação deveria ser brincar, aprender na escola, se divertir e não cuidar de^[P]_[SEP]irmãs ou ajudar a trazer a alimentação da gente de casa.” (Gabriel)

Ademais, os participantes Gabriel e Luciano trazem em suas falas suas percepções pessoais acerca dos papéis de gênero. A fala do Luciano carrega consigo a vivência como um homem homossexual, cercado por marcadores sociais e de raça.

“(...) na cultura dos humanos, da Grécia, com 12 anos,^[P]_[SEP] você já é... era levado para uma selva, para virar homem, um rito de passagem. Você tinha que^[P]_[SEP]brigar com o leão, você tinha que guerrear, você tinha que se tornar forte. Então isso está no^[P]_[SEP]DNA do homem ser agressivo, ser empoderado, podemos assim dizer. E a cultura trouxe isso^[P]_[SEP]para os homens quanto trouxe

para a mulher, que a mulher foi feita para viver dentro de casa, cuidar de família, cuidar das crianças, roupa, etc. Então isso deixou a mulher mais vulnerável.” (Gabriel)

“E depois do estupro, porque eu acho que gerou a homossexualidade... É normal. Criação normal, mas o intuito meu mesmo foi mas... Sei lá, acho que vem da gente, né? (...) Minha vó sempre falava que eu ia ser a menininha. Ela já tinha aquela visão longa do futuro. (...) Tipo, essa parte de casa eu faço tudo. Um bom dono de casa.” (Luciano)

Durante as entrevistas foi possível perceber questões que os participantes tiveram envolvendo sua saúde mental ao relatar sobre eventos traumáticos e violentos nos mais diversos momentos de suas vidas. Dois participantes (Gabriel e Luciano) descrevem sobre como sua passagem pela penitenciária os afetou mentalmente.

“E quando eu fui parar naquele lugar, pra mim era uma sentença de morte, não uma prisão. (...) Foi uma dor que, assim, parece que a alma saiu e voltou. Naquele momento, eu desisti da minha vida. Eu pedi para que Deus me tirasse daquele lugar, porque nem que fosse num caixão, porque eu não estava aguentando mais. Então essa foi a situação mais marcante. Eu me senti totalmente vulnerável, dependente e nas condições totalmente adversas à minha vida. Essa foi a situação mais marcante. Não foi nem ver pessoas morrerem naquele lugar e as coisas ruins que acontecem lá, mas foi isso: achar que eu não ia sair mais daquele lugar e talvez eu saísse numa cadeira de roda ou com algum dano. Então eu desejei a minha morte. Não foram uma, nem duas, algumas vezes...” (Gabriel)

“O acontecimento foi uma morte da minha família. Não estava lá no último momento dele. Que foi a minha vó, na verdade. Acho que é ali pra mim o momento mais... Impactante. Eu estava preso. Não consegui estar lá pra poder pedir o último perdão. E eu vi um cara sendo furado, lá na primeira faca, era um espeto, por conta de uma dívida, na época foi 200 reais eu acho, pode ser banal, mas por conta de droga dentro da unidade prisional. Eu vi aquela cena ali e foi letal, foi fatal, ele não teve o que fazer. Eu vi a pessoa ali, tentei acudir, mas a gente não tem um pronto socorro para poder ajudar a pessoa rápido. Você ver aquela cena e você queria ajudar e não conseguiu. (...) Não tem o que fazer. Eu fiquei muito mal comigo mesmo.” (Luciano)

Além disso, em seus relatos é possível identificar questões de resiliência e apoio emocional, que os levaram a perdurar diante de tais eventos traumáticos. Nesse sentido, a religiosidade foi citada como um fator de proteção pelos participantes Gabriel e Luciano.

“Deus não dá um frio maior que o seu cobertor, e que ele não te dá uma prova da qual você não possa passar. E eu me sentia com raiva porque eu entendi

que ele estava dizendo que eu era capaz de passar aquilo. Você entendeu? Que eu era capaz de superar minha crise de bronquite, minha coluna. Que eu era capaz de superar a perda da minha esposa, do meu filho, de estar longe da minha mãe, dos meus irmãos. De ter carinho, de ter cuidado quando estou doente. Que eu era capaz de superar tudo isso. E como é que você fala pra uma pessoa que ela é capaz de superar tudo isso quando ela não aguenta mais? Quando ela já tá entregando os pontos. Então eu fiquei muito, muito irritado com ele. Diversas vezes eu entrava na sala do trono, isso na minha mente conjecturando, entrava na sala do trono todo revoltado, pedia licença pra Miguel, pra Gabriel e minha ideia é contigo, agora Senhor. Como é que você fala esses negócios pra mim? Você é louco? Tem alguma coisa na cabeça? Minhoca! Mas hoje... Eu sou a prova viva que ele estava certo.” (Gabriel)

“Com tanta essa dificuldade, ainda eu tinha a mente pra poder estudar, fazer as coisas, você acredita? Eu sei que tinha essa garra, essa força. Eu acho que é por conta de Ogum, né? Sou muito apegado a minha mãe.” (Luciano)

Quanto aos marcadores socioeconômicos, ou seja, a situação em que os participantes viveram, em relação à segurança alimentar, moradia e pobreza, todos os participantes descrevem grande insegurança ao longo de suas trajetórias. Luciano descreve ter abandonado os estudos para trabalhar durante a infância.

“Sempre quando necessário, eu trabalhava para poder ajudar dentro de casa. Então geralmente acontecia muito. Eu não terminava os estudos por conta disso. (...) A gente passou muita dificuldade, não chega a ser fome, mas necessidade sim, de não ter energia, de chegar a ter um corte de água, a gente dependia do vizinho.” (Luciano).

Em relação à temática da violência, os participantes relatam situações vividas como vítimas e/ou como testemunhas, assim como a percepção dos mesmos em relação ao fenômeno. Todos os participantes relatam cenas de violência dos mais diversos tipos ao longo da vida inteira. O Rafael, por exemplo, conta sobre uma situação vivida enquanto ainda estava na primeira infância.

“Ela fica bêbada, sabe? Ai ela pode ter pegado no colo e já me derrubado e eu caí, sabe? Pode ser, pode ser. Até tem isso aí, já aconteceu isso comigo, quando eu era mais novinho” (Rafael)

Ademais, estava presente na fala dos participantes Miguel, Rafael e Luciano a descrição de situações características de violência policial e abuso de poder, em especial a fala do Miguel, que cita a realidade dentro das penitenciárias brasileiras e a atuação de esquadrões militarizados, nesse caso, o GIR (Grupo de Intervenção Rápida), que atua nas penitenciárias do Estado de São Paulo.

“Na cadeia eu vi várias situações. Várias situações. Só que você não vê... A época que eu comecei a tirar cadeia, já tinha acabado morte, já não tinha mais morte dentro da cadeia. Igual antigamente que os outros falavam, matava isso aquilo, mas na época que eu entrei, já não tinha mais morte. Mas ainda eu já presenciei muita gente apanhando. Perna e braço quebrado. Essas coisas aí. (...) Então, umas coisas que aconteciam lá dentro da cadeia, era algo que eu já tinha visto. Um exemplo, gente apanhando, você já vê na rua gente apanhando. (...) Agora o que dava uma tremida era quando a GIR (Grupos de Intervenção Rápida) entrava, sabe? Que era um grupo de operação. Os caras colocam em pânico. Vixi, os caras... Os caras colocam em pânico. É coisa de outro mundo. É só quem viveu mesmo, pra falar. Nossa... Hoje em dia já tá bem tranquilo. Hoje em dia eles já entram com câmera. Hoje em dia eles batem, não agridem. Mas 2010 quando eu peguei uma batida, nossa parecia que o mundo ia acabar. Os caras é... Você não consegue nem ver os caras direito. Falar que você vê assim é só de relance. Você não chega nem ver, eles não dão tempo para você ver. E os caras chacoalha a cadeia. É... Os caras colocam respeito, os caras é... Agride. A questão de agredir, eu mesmo nunca fui agredido. Mas eu já presenciei. Gente tomando borrachada. Por esse esquadrão aí. Eu já vim assim. Já vim assim, não... Depois que acaba o procedimento, você vê sangue, você vê gente no chão. Até arrepia mas já viu isso aí, sabe? Nego com o vergão nas costas, mas eu mesmo nunca... Porque sei que tem os desacreditados, né? Todo lugar vai ter. Tem cara que desacredita, da gente. Eu já vi o grupo de operação na unidade de cara sair trocando soco, os caras não tem nada a perder. O cara tem 300 anos de cadeia. (...) Já apanhei de polícia. Não vou até me falar que eu sou santinho isso e aquilo. Provoquei para apanhar. Algo que às vezes você fala. Algo que às vezes na hora dá um nervoso ali. Você sabe que vai preso. Você já começa a falar. Já vou preso. Já vou parar. Eu tenho que falar. Aí os caras acabam te batendo, ou até mesmo te batendo se quiser falar algo.” (Miguel)

Quanto à violência intrafamiliar, todos os participantes relataram ter testemunhado e/ou sofrido violência entre membros da própria família, como citam os participantes Rafael e Luciano

“Os irmãos da minha mãe, eles brigavam direto, por causa que eles não se entendiam dentro de casa. (...) Ó, com licença, eu uma vez tomei um chute de uma pessoa que é irmão da minha mãe que eu quase morri. Essa aí foi uma violência pra mim.” (Rafael)

“Família grande numa casa de três cômodos. A gente sofreu muito. Era um retetério, não dava certo. Todo mundo brigava com todo mundo. (...) Era mais a minha vó, minha mãe e vô. (...) Já presenciei muitas vezes meu avô agredindo minha avó. Muitas vezes. (...) Foi umas duas vezes só que aconteceu. Minha própria avó mesmo agredindo meu avô, né?^[P]_[SEP]E aí, as facadas nele era pra se defender. (...) Minha mãe tinha muita dificuldade, por ser nova também, né?^[P]_[SEP]Ter me tido muito novo. Mas ela tinha muita dificuldade pra conseguir me entender. Então tudo^[P]_[SEP]era na base do grito, na base da... Pancada... Então, tipo assim.. dificuldade pra me criar. (...) Eu saía mais machucado. Ela tem vara de marmelo, ela tem um chinelo, um cinto, um soco mesmo, já cheguei a apanhar de soco. É, com bastante frequência. (...) Aconteceu (ser expulso de casa) algumas vezes até então que ela me agrediu, ela deixou todo marcado e eu fui pra^[P]_[SEP]escola. A professora foi, acionou a diretora, o diretor acionou o Conselho (Tutelar) e eu fiquei^[P]_[SEP]um tempo na casa abrigo, mas foi pouco tempo minha avó correu atrás e conseguiu me tirar de^[P]_[SEP]volta. O juiz me concedeu de volta.” (Luciano)

Além disso, dois participantes (Gabriel e Luciano) descrevem ter sofrido violência sexual ao longo da infância.

“Eu acho que quando eu era criança aconteceu mais. Depois que eu tirei mais noção do que era^[P]_[SEP]isso aí era eu que fazia, eu acho.” (Gabriel)

“Eu já fui tocado e estuprado várias vezes. (...) um dos meus primos. Ele era bem mais velho que eu, né. (...) Acho que a pior pra mim foi o trauma do estupro, né? Eu tive que passar com uma cirurgia,^[P]_[SEP]né? Acho que isso daí foi o que mais me traumatizou.” (Luciano)

Quanto à violência comunitária, Miguel relata ter visto brigas na rua, tiroteios, brigas de casal, ameaças, cobranças do crime organizado, além de já ter sido espancado por policiais militares e ter visto dois amigos serem mortos por policiais militares, sendo um deles uma criança de 11 anos de idade. Gabriel relata ter presenciado pessoas sendo ameaçadas e violentadas por arma branca em seu bairro e sua família ter sido ameaçada de morte após um assalto. E, por fim, Luciano relata já ter presenciado pessoas serem esfaqueadas, sendo vítimas de tiroteio e serem queimadas, além de ter sido levado a agir em legítima defesa ao ter sua casa invadida.

Quanto a sua percepção sobre o fenômeno da violência, os participantes Miguel e Gabriel demonstram como a imersão num contexto vulnerável e violento pode acarretar numa naturalização do fenômeno.

“Então, umas coisas que aconteciam lá dentro da cadeia, era algo que eu já tinha visto. Um exemplo, gente apanhando, você já vê na rua gente apanhando.” (Miguel)

“Pelas violências que eu tive, me tornou, fez de mim um homem covarde. Demorei para aprender isso, mas graças a Deus aprendi. Mas acho que por conta dessas violências... E por conta da violência que eu via, não só comigo, mas com os outros, com meus parentes, isso que meio que se tornou normal, eu acho, na minha vida. Entendeu? (...) De tantas agressões que eu via, isso se tornou normal pra mim. E aí eu comecei a praticar elas como se não fosse algo errado. Foi onde eu agredi minhas irmãs, agredi minha avó, a minha mãe, até eu tomar consequências disso e aprender o que é certo e o que é errado. Mas foram através do acontecimento diário que tornou isso normal.” (Gabriel)

DISCUSSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo realizar um resgate histórico das experiências adversas de homens negros com histórico de privação de liberdade, buscando compreender as variáveis que contribuíram para o comportamento criminoso e como eles identificam e interpretam situações de violência em diferentes contextos (institucional, no relacionamento íntimo e intrafamiliar). A partir dos resultados obtidos, pode-se verificar que todos os participantes foram expostos a um número significativo de experiências adversas na infância e na adolescência, com o ACE Score variando de 7 a 10 pontos, ou seja, valores muito acima da nota de corte proposta por Alhowaymel et al (2023) que indicaram um ponto de corte de quatro ou mais EAIs como um indicativo de aumento na probabilidade de problemas mais graves em diferentes esferas (bem estar, saúde e comportamental).

Ao analisar os tipos de EAIs vivenciadas pelos participantes, destaca-se que quase todos os participantes (N=03) indicaram abuso físico, negligência emocional e negligência física. Quanto ao abuso físico, uma metanálise conduzida por Pan, Chen e Qu (2024) a partir de 35 estudos, incluindo 144 tamanhos de efeito (com um tamanho total de amostra de 159.213), investigando a associação entre castigo corporal e um espectro de comportamentos violentos denominado Espectro de Comportamento Violento (VBS - *Violent Behavior Spectrum*), indicou que uma relação positiva significativa entre castigo corporal e VBS ($r = 0,238$, IC 95% [0,176, 0,300]), sendo que a severidade do castigo influenciou a força dessa associação, isto é, quanto mais severo o castigo corporal, maior a probabilidade de levar ao VBS.

Embora o questionário de experiências adversas utilizado no presente estudo não permita identificar a severidade do abuso físico vivenciado pelos participante, a fala de Luciano por exemplo, demonstra que ele sofreu castigos corporais frequentes e severos, tendo

sido levado para acolhimento institucional em decorrência das agressões sofridas: “(...) Então tudo ^{SEP}era na base do grito, na base da... Pancada... (...) Ela tem vara de marmelo, ela tem um chinelo, um cinto, um soco mesmo, já cheguei a apanhar de soco. É, com bastante frequência. (...) ” (Luciano).

Quanto à negligência, Kacprzak (2019) destaca a forte associação entre se ter suas necessidades físicas, sociais e emocionais atendidas e a etiologia do comportamento criminoso. A partir da análise de 36 entrevistas realizadas (28 ex-presidiários do sexo masculino e 8 homens condenados que estavam encarcerados no momento da participação no estudo), Kacprzak (2019) considerou que a negligência desempenhou um papel particularmente significativo para o envolvimento no crime, contudo, não determinista. Para o autor, o problema da negligência infantil ganha relevância, sobretudo, quando ocorre em um ambiente com padrões anti sociais dominantes, como modelos comportamentais e pessoais, além de valores contrários às normas comumente aceitas.

Nesse sentido, destaca-se que na amostra pesquisada, todos os participantes relataram histórico familiar com envolvimento em criminalidade, em especial de figuras masculinas, e exposição a violência comunitária⁴ e a violência coletiva⁵. Tais dados parecem indicar um contexto de desenvolvimento em que a violência é naturalizada, aceita e, até em certo ponto, incentivada como estratégia de resolução de problemas e de enfrentamento. A teoria de aprendizagem social proposta por Bandura (1977) tem sido reconhecida como uma explicação para a violência intergeracional. De acordo com a teoria, o comportamento violento é aprendido a partir da observação, imitação e modelagem de comportamentos, ou seja,

⁴ A violência comunitária ocorre entre indivíduos não relacionados, que podem ou não se conhecer, geralmente fora de casa. Exemplos incluem agressões ou brigas entre grupos e tiroteios em locais públicos, como escolas e ruas (WHO, 2002)

⁵ A violência coletiva é o uso instrumental da violência por pessoas que se identificam como membros de um grupo contra outro grupo ou conjunto de indivíduos, com o objetivo de alcançar metas políticas, econômicas ou sociais. Ela assume diversas formas, incluindo conflitos armados dentro ou entre Estados, genocídio, repressão e outras violações dos direitos humanos, terrorismo e crime organizado violento (WHO, 2002)

conviver em um ambiente que usa da violência como ferramenta de resolução de conflitos influencia na maneira pela qual o sujeito vai se comportar diante de situações semelhantes no futuro. Assim, acredita-se que o fato dos participantes terem testemunhado e sofrido violência em diferentes contextos de desenvolvimento, pode ter contribuído para a modelação deste tipo de comportamento como forma de se relacionar e resolver conflitos interpessoais.

Ademais, ao estar exposto à violência em diferentes contextos de desenvolvimento, os indivíduos podem ter passado pelo processo de naturalização da violência, isto é, as práticas violentas passaram a ser vistas como comuns, normais ou aceitáveis; de tal modo que tornou-se parte do cotidiano e do seu repertório sem que haja questionamento ou indignação. Assim, o sujeito que vivencia a violência desde de a tenra idade pode passar a reproduzi-la na vida adulta como agressor, e tende a ter uma tolerância maior em relação às situações violentas (Minayo, Assis & Njaine, 2011), o que parece explicar, inclusive a dificuldade dos participantes identificarem algumas das situações de violência.

Para além das EAIs, uma característica marcante dos participantes foi o contexto de vulnerabilidade socioeconômico durante a primeira infância. Todos foram criados em lares monoparentais, com mães solo que precisavam trabalhar para sustentar os filhos. Em uma revisão sistemática da literatura em cinco bases de dados eletrônicas (Web of Science, PsycINFO, Scopus, SocINDEX e EconLit), na qual foram analisados 48 estudos, Kroese et al (2021) verificaram que crescer em famílias monoparentais estava associado a um risco elevado de envolvimento em atividades criminosas na adolescência (Kroese et al, 2021). Ademais, Saladino et al (2021) ao revisarem 61 estudos publicados entre 2010 e 2020 verificaram que adolescentes cujos pais têm envolvimento com o sistema de justiça e estão frequentemente ausentes de casa tendem a perceber menor coesão, menos apoio e uma comunicação familiar deficiente. De acordo com os autores, esses fatores podem levá-los a se envolver em atos criminosos e no uso de substâncias.

Quanto ao uso de substâncias, dois participantes (Miguel e Luciano) indicaram esse como um fator que contribuiu para a criminalidade. Dos Santos, Cord e Schneider (2020) realizaram uma revisão da literatura brasileira a respeito do uso de drogas por adolescentes em conflito com a lei e identificaram que todos os estudos (N=30) encontraram uma alta frequência do uso de drogas entre os adolescentes em conflito com a lei. Saladino et al (2021) identificaram que os crimes mais comuns relacionados a drogas na adolescência são crimes econômicos, porte de armas, roubos, tráfico e posse de entorpecentes.

Ademais, três participantes (Miguel, Rafael e Luciano) indicaram que iniciaram na criminalidade como forma de lidar com as necessidades financeiras. Stepniak (2001, citado por Kacprzak, 2019) considera que a pobreza, o desemprego, a falta de perspectivas de vida e outras manifestações de exclusão material são considerados na criminologia como “fatores genéticos” do crime. Em uma revisão sistemática da literatura que buscou identificar os mecanismos sociais que vinculam crime e pobreza em contextos urbanos, Gaitán-Rossi e Guadarrama (2021) analisaram 59 estudos e observaram que as expressões mais evidentes da interseção entre pobreza e crime foram a concentração de desvantagens, a segregação socioeconômica e espacial e os baixos níveis de eficácia coletiva. De acordo com os autores, embora não haja evidências suficientes para concluir que o crime é um determinante da pobreza devido a desafios fundamentais de mensuração, a revisão demonstra várias maneiras pelas quais o crime é um aspecto central das condições e da experiência da pobreza.

Para além das experiências adversas na infância e variáveis que contribuíram para a criminalidade, o presente trabalho buscou trazer um marcador social importante para analisar a trajetória no crime, a racialidade. O mito da democracia racial no Brasil⁶ levou a um processo de desconsideração do racismo presente estrutural e institucionalmente no país

⁶ O mito da democracia racial refere-se a a crença de que no Brasil não há racismo ou discriminação racial significativa, pois a sociedade brasileira teria se formado a partir de uma mistura harmoniosa entre povos indígenas, africanos e europeus.

(Bento, 2022). O racismo estrutural causa uma determinação social das potencialidades de um corpo negro, sendo negado do seu direito de autodeterminação, o Eu-Sujeito, e, dessa forma, usa de sua negritude como uma característica sub-humana (Fanon, 1952). Todos os participantes descreveram a exclusão e chacota sofridas ao longo de sua vida por conta de suas características fenotípicas, mesmo quando não se identificavam enquanto vítimas de racismo (*“Racismo também nunca... nunca sofri, nunca fui. Às vezes, o outro chama disso aqui, mas... Nunca me afetou”* - Miguel). A deficiência do letramento racial de alguns dos participantes pode ser um indicativo de sua relação com a própria racialidade.

Além da categoria de raça, um dos focos de análise da presente pesquisa referiu-se ao gênero, mais especificamente à masculinidade, isto é, ao conjunto de características, comportamentos e papéis sociais associados ao que uma determinada sociedade considera "ser homem". Nesse sentido, foi possível observar nas falas dos participantes expectativas de pessoas próximas para que eles performassem nesse papel. Por exemplo, o Gabriel descreve que mesmo ainda muito criança lhe é incumbida a tarefa de ser o “homem da família”, tendo que assumir todas as responsabilidades e performances sociais que se esperariam de um homem adulto para prover financeiramente sua mãe e irmãos. Na esteira desse papel de provedor, vem o comportamento violento para com as mulheres pertencentes ao seu núcleo familiar.

Ao analisar a inteseccionalidade entre gênero e raça, ou seja, ser homem negro, verifica-se que todos os participantes descrevem figuras masculinas ausentes/violentas e com histórico de encarceramento ao longo de suas vidas. Fica evidente que há uma carência de figura masculina salubre que teria um papel essencial no desenvolvimento dos participantes. Segundo Hooks (2022), ter modelos masculinos não violentos são fundamentais na formação da percepção de meninos negros sobre sua própria negritude e masculinidade, além de suas potências. Nesse sentido, a autora argumenta:

Os meninos, em especial, precisam que os homens sejam modelos que os ensinem a negociar o patriarcado de maneira que isso não prejudique sua alma, que lhes mostrem como contornar o sistema e criar autoconceitos alternativos saudáveis. (Hooks, 2022; p. 175)

Somado a isso, a violência estatal é um fator que atinge profundamente a população negra no Brasil, sendo a inegável maioria da população encarcerada preta ou parda. (SENAPPEN, 2024). O Estado é um agente importante na manutenção destas dinâmicas sociais, principalmente quando detém de forças militares a fim de repressão e controle social. Nesse sentido, uma vez que este corpo negro adentra de fato a penitenciária, a violência se torna a principal forma de controle e organização da população encarcerada, como foi citado pelo Miguel, os Grupos de Intervenção Rápida (GIR), dentre outras medidas que colocam sua integridade física e moral em risco. Nesse sentido, a vivência dentro do cárcere pelos participantes se torna rodeada de relatos que contam com desde negligência à saúde física e mental até a violência física, como as autoras Santos e Rosenburg (2014) comentam: “*a violência no sistema carcerário é ilegal, porém institucionalizada.*” (p. 105)

Além disso, o processo de ressocialização se torna um desafio a partir do momento em que há a tentativa de se reinsserir como cidadão carregando consigo o estigma de ser uma pessoa negra e ter sido preso. Os participantes relataram dificuldades em reingressar no mercado de trabalho formal, além de enfrentar a exclusão social e, principalmente, a desconfiança e preconceito, às vezes vindo dos próprios familiares.

Apesar disso, o que é esta realidade senão tudo o que eles já passaram ao longo de suas vidas? Este é o relato dos participantes, sobre como a forte violência comunitária, familiar e racial, além da insegurança socioeconômica, estiveram presentes ao longo de toda sua trajetória de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a trajetória de vida de quatro homens negros em liberdade assistida foi possível identificar como experiências adversas na infância, em especial, abuso físico, negligência física e emocional, ter familiar preso, violência comunitária e violência coletiva, foram frequentes e associados com o ingresso no mundo do crime. Para além das EAIs, destaca-se também os contextos de vulnerabilidade socioeconômica, a ausência dos pais e os lares chefiados pelas mães, indicando o quanto são questões complexas que necessitam de uma abordagem multidimensional.

Em relação às limitações que a pesquisa enfrentou, é possível apontar a amostra pequena que conseguiu atingir, podendo trazer perspectivas insuficientes acerca da temática. Além disso, os problemas em relação à grande diversidade entre os participantes sobre a sua trajetória e subjetividade, trazem poucos fatores que atingiram a saturação na análise qualitativa.

Nesse sentido, algumas temáticas que surgiram durante as entrevistas não chegaram a ter a oportunidade de receber o destaque devido durante o processo de análise, como fatores protetivos presentes em figuras de apoio e a marcante presença da religiosidade como forma de resiliência encontrada pelos participantes em momentos traumáticos, ainda permanecem postas à futuras pesquisas sobre a temática. Ademais, a partir dos resultados, são colocadas outras hipóteses a serem discutidas futuramente, principalmente em relação ao processo de revitimização encontrado pelos participantes no desafio da ressocialização; o aprofundamento em questões de gênero em indivíduos com histórico em criminalidade; e, por fim, a quebra do contrato social que ocorre em situações de racismo e violência institucionalizada.

Por fim, a presente pesquisa se demonstra importante para pensar em reformas junto ao sistema judiciário e penitenciário, ao ter um olhar mais compreensível no que diz respeito às motivações e trajetórias que levaram o criminoso até o crime. Ademais, é imprescindível o

trabalho de prevenção da violência nos âmbitos familiares, principalmente monoparentais, ao criar redes fortalecidas de apoio socioeconômico e emocional para mulheres negras, trabalhadoras e mães solo, que encontram pouco respaldo, além de programas assistencialistas, no desafio de criar suas crianças. E, também, em espaços comunitários, bairros, favelas e vilas, que são marcados pela negligência estatal e violência policial. Desse modo, devemos estar atentos às realidades sociais imersas em violência, sendo necessário refletir sobre quais as infâncias e subjetividades que esperamos que sejam nutridas nestes espaços.

REFERENCIAS

- Arciniega, G. M., Anderson, T. C., Tovar-Blank, Z. G., & Tracey, T. J. G. (2008). Toward a Fuller Conception of Machismo: Development of a Traditional Machismo and Caballerismo Scale. *Journal of counseling psychology*, 55(1), 19-33. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.55.1.19>
- Almeida, S. L. D. (2019). Racismo estrutural (pp. 26–29). Sueli Carneiro, Pólen Livros.
- Baglivio, M. T., Wolff, K. T., Piquero, A. R., & Epps, N. (2015). The relationship between Adverse Childhood Experiences (ACE) and juvenile offending trajectories in a juvenile offender sample. *Journal of Criminal Justice*, 43(3), 229–241. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2015.04.012>
- Barcelos, Sabrina Machado de. A naturalização da violência pela juventude acolhida de Campos dos Goytacazes. 2019. 65 f. Trabalho Final de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2019.
- Bernard DL, Smith Q, Lanier P. Racial discrimination and other adverse childhood experiences as risk factors for internalizing mental health concerns among Black youth. *J Trauma Stress*. 2022 Apr;35(2):473-483. doi: 10.1002/jts.22760. Epub 2021 Nov 20. PMID: 34800051; PMCID: PMC9035019.
- Bourdieu, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. pp 63-67.
- Bronfenbrenner, U. (Ed.). (2005). Making human beings human: Bioecological perspectives on human development. Sage Publications Ltd.
- Carneiro, B. V., & Yoshida, E. M. P.. (2009). Alexitimia: uma revisão do conceito. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 25(1), 103–108. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000100012>

- Carneiro, S. (2023). *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar.
- Carvalho, S. S. de. (2023). As experiências adversas na infância e sua relação com o desenvolvimento biopsicossocial da criança/adolescente – uma revisão bibliográfica. *Seven Editora*, 251–277. Retrieved from <https://sevenpublicacoes.com.br/index.php/editora/article/view/426>
- Cezario, Ana Cláudia Ferreira, Carvalho, Laís Lage de, & Lourenço, Lelio Moura. (2016). Violência Contra o Homem Perpetrada por Sua Parceira.: Perspectivas de Psicólogos e Assistentes Sociais. *Psicologia em Pesquisa*, 10(1), 76-84. <https://dx.doi.org/10.24879/201600100010049>
- Cuadra, L. E., Jaffe, A. E., Thomas, R., & DiLillo, D. (2014). Child maltreatment and adult criminal behavior: does criminal thinking explain the association?. *Child abuse & neglect*, 38(8), 1399–1408. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.02.005>
- Dos Santos, M., Cord, D., & Schneider, D. R. (2020). Adolescência, uso de drogas e prática infracional: reflexões a partir de estudos brasileiros. *Pesquisas E Práticas Psicossociais*, 15(4), 1–17. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000400009
- Fanon, F. (1952). *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu Editora.
- Faustino, Mendes Deivison. Ribeiro, Alan Augusto de Moraes. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. *Revista Transversos*, v. 10, p. 163-82, 2017
- Flauzina, Ana Luiza Pinheiro. *O corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do estado brasileiro*. 2006. 146f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss, M. P., & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults. The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American journal of preventive medicine*, 14(4), 245–258. [https://doi.org/10.1016/s0749-3797\(98\)00017-8](https://doi.org/10.1016/s0749-3797(98)00017-8)
- Fernandes, C. B., Spazzapan Martins, V., dos Santos, J., Mendes da Silva, N., Carvalho Bortoleto, J., & Moreira Pirolo, S. (2014). Percepção masculina sobre violência: um olhar dos usuários de serviços de saúde em Marília, São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira De Medicina De Família E Comunidade*, 9(31), 133–141. [https://doi.org/10.5712/rbmfc9\(31\)553](https://doi.org/10.5712/rbmfc9(31)553)
- Fernandes, S, F. A integração do negro na sociedade de classes: ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 1964 [2008].
- Foucault, M. (2016). A sociedade punitiva: Curso no Collège de France (1972-1973) (I. C. Benedetti, Trans.). WMF Martins Fontes.
- Fox, B. H., Perez, N., Cass, E., Baglivio, M. T., & Epps, N. (2015). Trauma changes everything: examining the relationship between adverse childhood experiences and serious, violent and chronic juvenile offenders. *Child abuse & neglect*, 46, 163–173. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.01.011>
- Gaitán-Rossi, Pablo, & Velázquez Guadarrama, César. (2021). A systematic literature review of the mechanisms linking crime and poverty. *Convergencia*, 28, e14685. Epub 06 de mayo de 2021. <https://doi.org/10.29101/crcs.v28i0.14685>
- hooks, bell. A gente é da hora: homens negros e masculinidade/ bell hooks; tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

- Klein M and Fernández-Castillo N (2021) Editorial: In Search of Mechanisms: Genes, Brains, and Environment in Aggressive Behavior. *Front. Psychiatry* 12:643747. doi: 10.3389/fpsyt.2021.643747
- Kroese, J., Bernasco, W., Liefbroer, A. C., & Rouwendal, J. (2020). Growing up in single-parent families and the criminal involvement of adolescents: a systematic review. *Psychology, Crime & Law*, 27(1), 1–15. <https://doi.org/10.1080/1068316x.2020.1774589>
- Marx, K., Lima, D. T., Costa, P. H. A. da, Bianchi, B., Parsons, H., Basaglia, F., & Cooper, D. (2023). *Marxismo e a loucura* (P. H. A. da Costa, Ed.). LavraPalavra.
- Mbambe, A. (2020). Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. N-1.
- Messerschmidt, James W. 1993. *Masculinities and Crime: critique and reconceptualization of theory*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Minayo, M.C.S.Assis, S.G.A. (Org.) *Novas e velhas faces da violência no século XXI: visão da literatura brasileira do campo da saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.
- Minayo, MCS., Assis, SG., and Njaine, K., orgs. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p. ISBN: 978-85-7541-385-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- Nascimento, Elaine Ferreira do; Gomes, Romeu; Rebello, Lúcia Emilia Figueiredo de Sousa. *Violência é coisa de homem? A naturalização da violência nas falas de homens jovens*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 4, p. 1151-1157, 2009.
- Paixão, G. P. do N., Pereira, A., Gomes, N. P., Sousa, A. R. de ., Estrela, F. M., Silva Filho, U. R. P. da ., & Araújo, I. B. de .. (2018). Naturalization, reciprocity and marks of

- marital violence: male defendants' perceptions. *Revista Brasileira De Enfermagem*, 71(1), 178–184. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0475>
- Pereira, F. G., & Viana, M. C. (2021). Adaptação transcultural do Adverse Childhood Experiences International Questionnaire. *Revista de Saúde Pública*, 55, 79. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003140>
- Rodrigues, B. S. R. (2021). Mediating effect of executive functioning between adverse childhood experiences and aggressive behavior: A systematic review. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/76074/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%2B_B%C3%A1rbara%2BRodrigues.pdf
- Saladino, V., Mosca, O., Petruccelli, F., Hoelzlhammer, L., Lauriola, M., Verrastro, V., & Cabras, C. (2021). The Vicious Cycle: Problematic Family Relations, Substance Abuse, and Crime in Adolescence: A Narrative Review. *Frontiers in Psychology*, 12(673954). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.673954>
- Santos, B. H. de O. (2020). O biopoder como garantia do racismo de Estado. *Revista ConTextura*, 12(16), p. 14-22. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistacontextura/article/view/19147>
- Santos, T. M., & Rosenburg, E. G. (2014). Representações sociais sobre a violência em egressos do sistema prisional. *Rev. Bras. Segur. Pública*, v. 8, n. 1. <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/359/166>
- SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PENAIAS. Relatório de Informações Penais (RELIPEN) 1º semestre de 2024. São Paulo: Sistema Nacional de Informações Penais (SISDEPEN), 2024. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMDY2ODEzOTgtYmJlMy00ZmVhLWlwMTU0MTJjZDQwZWRIYjdhIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>

- Schraiber, L. B., Barros, C. R. dos S., Couto, M. T., Figueiredo, W. S., & Albuquerque, F. P. de .. (2012). Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde. *Revista Brasileira De Epidemiologia*, 15(4), 790–803. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2012000400011>
- Silva, Caioandrêo, & Souza, Leonardo Lemos de. (2020). Masculinidades e Violências: Narrativas de Vida de Jovens em Conflito com a Lei. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(3), 1-19. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e15485>
- Souza, E. R. de .. (2005). Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 59–70. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100012>
- Rybka, L. N., Nascimento, J. L. do ., & Guzzo, R. S. L.. (2018). Os mortos e feridos na “guerra às drogas”: uma crítica ao paradigma proibicionista. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 35(1), 99–109. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000100010>

ANEXOS

ANEXO 1 - Roteiro de entrevista semiestruturada

Roteiro de entrevista semiestruturada Investigação sobre histórico de vida, envolvimento com a criminalidade e crenças acerca da violência	
Histórico de vida O objetivo dessa seção do questionário é compreender melhor algumas questões sobre o sujeito e seu histórico de vida.	
H1	Sua gestação foi planejada? Qual era a situação da saúde de sua mãe?
H2	Fale sobre sua experiência escolar (desempenho, relacionamento com os professores, envolvimento em conflitos).
H3	Você acha que, por ser menino, sua criação foi diferente?
H4	Descreva seus relacionamentos (amizades, família, amorosos).
H5	Comente sua situação sócio-econômica.
H6	Descreve um acontecimento marcante na sua vida.
Criminalidade Esta parte do questionário busca investigar as questões acerca do envolvimento com a criminalidade do entrevistado.	
C1	Comente sobre os motivos pelos quais você se envolveu na criminalidade.
C2	Descreva as consequências que a criminalidade causou nas áreas de relacionamentos, educacional e profissional.
C3	Sua experiência na penitenciária te transformou em algum sentido?

C4	Conte sobre um acontecimento marcante durante sua passagem pelo sistema penitenciário.
Violência Este tópico busca investigar a compreensão do entrevistado acerca de situações de violência.	
V1	Qual sua opinião sobre crimes considerados mais violentos (hediondos)?
V2	Você acredita já ter sofrido algum tipo de violência ao longo da vida? (racismo, abuso sexual ou moral, bullying, agressão, negligência, etc.)
V3	O que você acha da frase “Os homens são mais violentos do que as mulheres”?
V4	O que você acha da frase “Os negros são mais violentos do que os brancos”?

ANEXO 2 - Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (EAI-QI)

Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (EAI-QI) Adverse Childhood Experiences – International Questionnaire (ACE-IQ) Organização Mundial da Saúde (OMS) Adaptação para o uso no Brasil: Flávia Garcia Pereira e Maria Carmen Viana	
0	INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS
0.1 [C1]	Sexo (Marque de acordo com o observado) <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino
0.2 [C2]	Qual a data do seu nascimento? Dia <input type="checkbox"/> mês <input type="checkbox"/> ano <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Não sabe (não sei) /não informou (não quero informar) <input type="checkbox"/> (Vá para Q.C3)
0.3 [C3]	Qual é a sua idade? <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
0.4 [C.4]	Qual das seguintes alternativas você considera como a sua raça/cor da pele? <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Preta <input type="checkbox"/> Parda <input type="checkbox"/> Amarela <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Outras: _____ <input type="checkbox"/> Não declarada/Não quero declarar <input type="checkbox"/> Não sabe informar/Não sei informar
0.5 [C5]	Qual é o seu nível de escolaridade mais alto? <input type="checkbox"/> Não frequentou a escola <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental I (até 5º ano ou 4ª série) <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental II incompleto (até 9º ano ou 8ª série) <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo <input type="checkbox"/> Pós-Graduação <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
0.6 [C6]	Quais das seguintes opções melhor descrevem a sua principal situação de trabalho nos últimos 12 meses? (assinalar todas as alternativas que se aplicam) <input type="checkbox"/> Funcionário público/ Vínculo com o setor público <input type="checkbox"/> Empregado do setor privado <input type="checkbox"/> Trabalhador autônomo/trabalha por conta própria/Empregador <input type="checkbox"/> Trabalho não remunerado/trabalho voluntário <input type="checkbox"/> Estudante

	<input type="checkbox"/> Dona de casa/Trabalho doméstico não remunerado <input type="checkbox"/> Aposentado(a) <input type="checkbox"/> Desempregado(a) – com capacidade de trabalhar <input type="checkbox"/> Desempregado(a) – sem capacidade de trabalhar <input type="checkbox"/> Outros: _____ <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
0.7 [C7]	Qual o seu estado civil? <input type="checkbox"/> Casado(a) (Vá para Q.M2) <input type="checkbox"/> Vive com companheiro(a) <input type="checkbox"/> Divorciado(a) / separado(a) <input type="checkbox"/> Solteiro(a) <input type="checkbox"/> Viúvo(a) (Vá para Q.M2) <input type="checkbox"/> Outro: _____ <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
1	CASAMENTO
1.1 [M1]	Você já foi casado(a)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não (Vá para Q.M5) <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
1.2 [M2]	Com que idade você se casou pela primeira vez? Idade [] [] <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
1.3 [M3]	Quando você se casou pela primeira vez, foi você mesmo(a) quem escolheu seu marido/esposa? <input type="checkbox"/> Sim (Vá para Q.M5) <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sabe (Não sei)/ Não tem certeza (Não tenho certeza) <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
1.4 [M4]	Quando você se casou pela primeira vez, se não foi você quem escolheu seu marido/esposa, você concordou com a escolha? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
1.5 [M5]	Se você já teve filhos, qual era sua idade quando nasceu seu(sua) primeiro(a) filho(a)? Idade [] [] Não se aplica [] <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
2	RELACIONAMENTO COM OS PAIS OU RESPONSÁVEIS A partir de agora, todas as perguntas estão relacionadas ao período de sua infância e adolescência, até os seus 18 anos.

2.1 [P1]	Seus pais/responsáveis compreendiam seus problemas e preocupações? <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Na maioria das vezes <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
2.2 [P2]	Seus pais/responsáveis realmente sabiam o que você estava fazendo no seu tempo livre, quando não estava na escola ou no trabalho? <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Na maioria das vezes <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
3	
3.1 [P3]	Com que frequência seus pais/responsáveis não lhe davam comida suficiente, mesmo que pudessem facilmente oferecer um alimento para você? <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
3.2 [P4]	Seus pais/responsáveis ficavam muito embriagados ou sob o efeito de drogas quando cuidavam de você? <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
3.3 [P5]	Com que frequência seus pais/responsáveis não lhe mandavam para a escola, mesmo que tivessem a obrigação de fazer isso? <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
4	AMBIENTE FAMILIAR Nos primeiros 18 anos da sua vida...
4.1 [F1]	Você morou com alguém que tinha problemas com álcool ou era alcoólatra, ou que abusava de drogas ilícitas ou de medicamentos controlados? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

	<input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
4.2 [F2]	Você morou com alguém que estava deprimido, ou tinha alguma doença mental ou intenção suicida? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
4.3 [F3]	Você morou com alguém que alguma vez tenha sido levado pra cadeia ou mandado para prisão? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
4.4 [F4]	Nesse período (até os seus 18 anos) seus pais alguma vez se separaram ou se divorciaram? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
4.5 [F5]	Sua mãe, pai ou responsável faleceram (nesse período)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sabe/Não tem certeza <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
As próximas perguntas estão relacionadas a algumas situações que você pode ter ouvido ou visto <u>EM SUA CASA</u> . São situações que podem ter acontecido <u>COM OS OUTROS MORADORES DA SUA CASA, NÃO COM VOCÊ</u> . Nos primeiros 18 anos da sua vida...	
4.6 [F6]	Você viu ou ouviu alguém que morava na sua casa recebendo gritos ou berros, ou sendo xingado, insultado ou humilhado? <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
4.7 [F7]	Você viu ou ouviu alguém que morava na sua casa sendo estapeado, chutado, socado ou surrado? <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder

4.8 [F8]	<p>Você viu ou ouviu alguém que morava na sua casa ser agredido ou cortado com algum objeto, como uma vara (ou bengala), garrafa, porrete, faca, chicote, ou algum outro objeto?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>
5	<p>As próximas perguntas estão relacionadas a algumas situações que VOCÊ pode ter vivenciado. Nos primeiros 18 anos da sua vida...</p>
5.1 [A1]	<p>Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa gritou, berrou, xingou, insultou ou humilhou você?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>
5.2 [A2]	<p>Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa ameaçou abandonar ou expulsar você de casa, ou de fato fez isso?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>
5.3 [A3]	<p>Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa bateu, chutou, socou ou surrou você?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>
	<p>Qual a intensidade dessas agressões?</p> <p><input type="checkbox"/> Leve</p> <p><input type="checkbox"/> Moderada</p> <p><input type="checkbox"/> Intensa</p> <p><input type="checkbox"/> Muito intensa</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>
5.4 [A4]	<p>Algum de seus pais ou responsáveis ou alguém que morava na sua casa agrediu ou cortou você com algum objeto, como uma vara (ou bengala), garrafa, porrete, faca, chicote, ou algum outro objeto?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p>

	<input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
As próximas perguntas são sobre situações de assédio ou abuso sexual que VOCÊ pode ter vivenciado antes dos 18 anos, e que podem ter sido cometidas por qualquer pessoa. Antes dos 18 anos...	
5.5 [A5]	Alguém tocou ou acariciou você de uma forma sexual, sem que você quisesse? <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
	Foi alguém que morava na sua casa? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
5.6 [A6]	Alguém fez com que você tocasse o corpo dele(a) de uma forma sexual, sem que você quisesse fazer isso? <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
	Foi alguém que morava na sua casa? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
5.7 [A7]	Alguém tentou fazer sexo oral, anal ou vaginal com você, sem que você quisesse? <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
	Foi alguém que morava na sua casa? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
5.8 [A8]	Alguém já fez sexo oral, anal ou vaginal com você, sem que você quisesse? <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
	Foi alguém que morava na sua casa? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
6	VIOLÊNCIA DE PARES As próximas perguntas estão relacionadas ao BULLYING . O bullying ocorre quando um jovem ou um grupo de jovens fala ou faz coisas ruins ou desagradáveis para outro jovem.

	<p>Também é bullying quando uma pessoa jovem é provocada de forma desagradável ou quando é deixada de fora das atividades de propósito. Não é bullying quando dois jovens com a mesma força ou poder discutem ou brigam, ou, ainda, quando a provocação ocorre de forma amistosa e divertida.</p> <p>Nos primeiros 18 anos da sua vida...</p>
6.1 [V1]	<p>Com que frequência você sofria bullying?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca (Vá para Q.V3)</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>
6.2 [V2]	<p>Qual era a forma mais frequente de bullying que você sofria? (Assinalar apenas uma opção)</p> <p><input type="checkbox"/> Me batiam, esbarravam em mim, era chutado(a), empurrado(a), ou trancado(a) em lugares fechados</p> <p><input type="checkbox"/> Era zoad(a) (debochavam de mim) por causa da minha raça, nacionalidade ou cor da pele</p> <p><input type="checkbox"/> Era zoad(a) (debochavam de mim) por causa da minha religião</p> <p><input type="checkbox"/> Era zoad(a) (debochavam de mim) por meio de brincadeiras ou comentários de cunho sexual, ou gestos obscenos</p> <p><input type="checkbox"/> Era excluído(a) de atividades de propósito ou completamente ignorado(a)</p> <p><input type="checkbox"/> Era zoad(a) (debochavam de mim) por causa da aparência do meu corpo ou do meu rosto</p> <p><input type="checkbox"/> Eu sofria alguma outra forma de bullying</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>
<p>A próxima pergunta é sobre BRIGAS FÍSICAS. Uma briga física ocorre quando dois jovens com aproximadamente a mesma força ou poder escolhem brigar um contra o outro.</p> <p>Durante o período de crescimento, nos primeiros 18 anos da sua vida...</p>	
.3 [V3]	<p>Com que frequência você se envolvia em uma briga física?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>
<p>VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE</p> <p>As próximas perguntas são sobre a frequência com que VOCÊ viu ou ouviu certas coisas na sua VIZINHANÇA OU COMUNIDADE (não na sua casa ou na TV, rádio ou em filmes).</p> <p>Nos primeiros 18 anos da sua vida...</p>	
.1 [V4]	<p>Você viu ou ouviu alguém sendo espancado (não na sua casa ou na TV, rádio ou em filmes)?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p>

	<input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
.2 [V5]	<p>Você viu ou ouviu alguém sendo esfaqueado ou levando um tiro (não na sua casa ou na TV, rádio ou em filmes)?</p> <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
.3 [V6]	<p>Você viu ou ouviu alguém ser ameaçado(a) com uma faca ou arma de fogo (não na sua casa ou na TV, rádio ou em filmes)?</p> <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
VIOLÊNCIA COLETIVA	
<p>As próximas perguntas são sobre se <u>VOCÊ</u> vivenciou ou não algum dos seguintes acontecimentos quando você era criança. Todos eles estão relacionados com violência coletiva, incluindo guerras ou tiroteios, terrorismo, conflitos políticos ou étnicos, genocídio, repressão ou toque de recolher, desaparecimentos, tortura e crime organizado violento, como bandidagem, tráfico de drogas e guerra de gangues. Nos primeiros 18 anos da sua vida...</p>	
.1 [V7]	<p>Você foi forçado a ir viver em outro lugar devido a algum desses acontecimentos?</p> <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
.2 [V8]	<p>Você vivenciou a destruição proposital da sua casa devido a algum desses eventos?</p> <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder
.3 [V9]	<p>Você foi espancado por soldados, policiais, milicianos, gangues ou traficantes de drogas?</p> <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Uma vez <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder

<p>.4 [V10]</p>	<p>Algum familiar ou amigo(a) foi morto ou espancado por soldados, policiais, milicianos, gangues ou traficantes de drogas?</p> <p><input type="checkbox"/> Muitas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Poucas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Uma vez</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Não quis responder/ Não quero responder</p>
	<p>Para terminar, gostaríamos de saber se até os seus 18 anos, você vivenciou algum outro evento traumático que não foi mencionado durante esta entrevista?</p> <p><input type="checkbox"/> Não</p> <p><input type="checkbox"/> Sim</p> <p>Qual(is)?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>

ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A presente pesquisa, intitulada “A criminalização da masculinidade negra e a naturalização da violência”, objetiva investigar a percepção de homens negros com histórico no sistema penitenciário brasileiro sobre a violência e sobre o fenômeno de naturalização da violência no seu dia a dia. A pesquisa está sendo desenvolvida pela discente Maria Luiza Soares Rodrigues do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos sob a orientação da Profa. Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-8028. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Natureza da pesquisa: Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa, que tem como objetivo compreender sobre a percepção de homens com histórico no sistema penitenciário brasileiro sobre o fenômeno da violência. O estudo utiliza como métodos de investigação uma entrevista semi-estruturada e um questionário que investiga a presença de experiências adversas na infância (EAI-QI).

O senhor ao preencher esse termo ou clicar em "Aceito participar da pesquisa" irá: 1. Aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado ao pesquisador via endereço de email fornecido, se assim o desejar. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador. Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário ou durante a entrevista e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pelo pesquisador e serão apagados. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e após decida desistir da participação deverá informar o pesquisador desta decisão e este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização. Você poderá imprimir uma via deste termo, ou se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada por email ou da maneira como preferir.

Participantes da pesquisa: participarão da pesquisa homens do sexo masculino com idade igual ou superior a 18 anos, que se identifiquem como negros (pretos ou pardos) e que tenham cumprido pena no sistema penitenciário brasileiro.

Envolvimento na pesquisa: ao permitir sua participação neste estudo, você permitirá que a pesquisadora colete suas informações pessoais e a escala de experiências adversas na infância (EAI-QI), além de participar de uma entrevista semiestruturada.

Você tem liberdade de recusar a sua participação e, ainda, interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que

quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone ou do email da pesquisadora (localizado abaixo) e, se necessário, poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, o órgão que avalia se não há problemas na realização de uma pesquisa com seres humanos.

Você poderá retirar o seu consentimento entrando em contato por e-mail com a pesquisadora e solicitando a retirada do mesmo, a qualquer momento durante o desenvolvimento da pesquisa. A retirada do consentimento e a exclusão dos dados serão confirmadas através de uma carta emitida e assinada pela pesquisadora, assegurando ambos os processos. Uma cópia dessa carta será enviada por e-mail para o participante que solicitou a retirada do consentimento.

Sobre os instrumentos: Ao aceitar participar da pesquisa você participará de uma entrevista semiestruturada com a pesquisadora, que visa compreender seu histórico de vida. A entrevista será de sessão única com duração de em média 50 minutos. Em seguida, você irá preencher um questionário denominado Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância (EAI-QI), a fim de investigar possíveis fatores de risco que estiveram presentes ao longo da sua infância, respondê-la durará cerca de 25 minutos.

Riscos e desconforto: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, mas caso você sinta algum desconforto físico ou emocional durante o encontro, poderá ser suspensa a sua participação na pesquisa e será dado, imediatamente, um encaminhamento para serviços adequados. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, portanto, estão fundamentados na Resolução nº. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

O participante que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a buscar indenização (Res 510/2016, Art 19, §2o).

Vale ressaltar que devido à duração do tempo do encontro, o participante pode experimentar desconforto ou cansaço. Durante todo o processo de coleta de dados os participantes da pesquisa possuem o direito de não responder qualquer questão e interromper a entrevista, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e a docente responsável pela disciplina terão conhecimento da identidade dos participantes. Nos comprometemos em não identificá-la ao publicar os resultados dessa pesquisa. Destaca-se que a pesquisadora, uma vez concluída a coleta de dados, realizará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". As gravações e os dados coletados serão armazenados em um pen-drive com senha, sendo esta de conhecimento apenas da pesquisadora; ademais, os próprios conteúdos armazenados no pen-drive serão acessados somente com uma segunda senha, estabelecendo, portanto, mais uma medida de proteção. Todas as informações coletadas – incluindo as gravações – serão armazenadas pelo período de 5 anos, datando a partir do encerramento da pesquisa.

Benefícios: ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a compreensão da população-alvo em relação à violência e sua relação com as experiências adversas na infância e a vulnerabilidade social. As pesquisadoras e a docente se comprometem a divulgar os

resultados obtidos, respeitando o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

Pagamento: Considera-se que você não terá nenhum tipo de despesa para que participe desta pesquisa, contudo, caso tenha algum custo referente a sua participação, o valor poderá ser ressarcido a partir da manifestação e comprovação enviada à pesquisadora. Destaca-se que nada será pago por sua participação.

A pesquisadora garante que você terá acesso aos resultados finais da pesquisa por e-mail. Caso seja do seu interesse, por favor, deixe o seu endereço de email.

Você receberá uma cópia deste documento e poderá entrar em contato com a pesquisadora caso precise ter acesso ao registro deste consentimento.

Pesquisadora: Maria Luiza Soares Rodrigues

Telefone: (11) 94522-1088

E-mail: mrodrigues@estudante.ufscar.br

Endereço: Rua dos Pica-Paus – Departamento de Psicologia da UFscar

Docente: Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca

Contato: samazo@ufscar.br

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br. O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e

educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. É dever deste comitê cuidar dos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos, tendo como referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para sua participação nesta pesquisa. Caso opte por não participar da pesquisa, basta fechar a aba do documento sem que nenhuma informação pessoal seja registrada.

() Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para participação desta pesquisa e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.